

ENTREVISTA ESPECIAL

Possui graduação (Licenciatura e Bacharelado) em História pela Universidade Federal Fluminense (1995), mestrado em História pela Universidade Federal Fluminense (1998), doutorado em História pela Universidade Federal Fluminense (2004) e Pós-doutorado pela Universidade de Lisboa (2011) e pela Universidade de Évora (2011). Pós-doutorado em andamento pela Lettres Sorbonne Université (França, 2021). Atualmente é Professor Associado IV da Universidade Federal de Viçosa, onde atua na Graduação em História e como Professor Permanente nos Programas de Pós-Graduação do Mestrado Acadêmico em Letras e do Mestrado Profissional em Patrimônio Cultural, Paisagens e Cidadania. É pesquisador, desde 2010, da Cátedra de Estudos Sefarditas Alberto Benveniste da Universidade de Lisboa. É Avaliador do SINAES e da REDE Nacional de Ipfes (INEP-MEC). Membro, a partir de 2017, da ABIL (Association of British and Irish Lusitanists). Membro, a partir de 2020, da Deutscher Lusitanistenverband e.V. (Associação Alemã de Lusitanistas). Tem experiência na área de História, com ênfase em História do Brasil Colônia, atuando principalmente nos seguintes temas: Inquisição no Brasil; Inquisição no mundo ibérico e colonial; religiões e religiosidades no mundo iberoamericano; criptojudaísmo; cristãos-novos; ensino de história; literatura, história e memória. Presidente da Associação Nacional de História, seção Minas Gerais - Anpuh-MG, no biênio 2018-2020.

186

HR- Professor Angelo, primeiramente gostaríamos de agradecer seu aceite para responder às perguntas realizadas pela Revista HUMANA RES, vinculada ao Centro de Ciências Humanas e Letras da Universidade Estadual do Piauí- UESPI. Em seguida perguntar:

HR- Qual a razão de sua estadia na França?

Em primeiro lugar, meu muito obrigado pelo convite para esta entrevista. É um prazer poder trocar ideias e colaborar com esta preciosa revista e seus leitores. Sou professor na Universidade Federal de Viçosa desde 2005, onde atuo na graduação em História e nos programas de pós-graduação em História e Letras. O motivo da minha estadia atual na França é a realização de um pós-doutorado na Universidade Paris-Sorbonne, ou Lettres Sorbonne Université, sob a supervisão da Professora Laura de Mello e Souza. Este já é o terceiro pós-doutorado que realizo. Os dois anteriores, realizei nos anos de 2010 e 2011, nas Universidades de Lisboa e Évora, em Portugal.

HR- Como um intelectual acostumado a refletir sobre a realidade política nacional, qual a impressão que o Senhor está produzindo sobre o País, em termos de enfrentamento da Pandemia da Covid-19?

Bem, a pergunta pode ser direcionada para os dois países - Brasil e França -, embora acredite que a pergunta faça referência ao segundo. Então, aproveito para pensar nos dois casos: Sobre o Brasil, penso que foram tomadas muitas medidas equivocadas com relação ao enfrentamento da pandemia ou, tão grave quanto, deixaram de ser tomadas as medidas

necessárias, adotadas por vários outros países e que deram mostra de sua eficácia, poupando um imenso número de vidas humanas, enquanto o Brasil tornou-se, desgraçadamente, dos países com o maior número tanto de infectados quanto de vítimas fatais. Um misto de incompetência e despreparo políticos generalizados (embora com responsabilidades maiores dos representantes dos cargos máximos da nação), negacionismos, atrasos, desconhecimentos, desvalorização da opinião científica e dos órgãos mundiais de saúde, falta de comprometimento social e de respeito aos protocolos sanitários, medidas de confinamento que não foram tomadas ou cumpridas à risco, entre tantos outros elementos. Tudo isso agravado pelas situações de extrema dificuldade financeira, de pobreza generalizada, de falta de acesso a melhores condições de vida de considerável parcela da sociedade brasileira - problema que, obviamente, não surgiu com a atual pandemia, mas que colabora fortemente para o seu agravamento no país. Embora a Covid-19 seja uma experiência nova, a História dá exemplos de como as pandemias foram enfrentadas no passado, inclusive no Brasil, e parece que estes episódios passados foram desconsiderados por muitos no enfrentamento do problema atual. O esquecimento da História, bem sabemos nós, cobra o seu preço... Em relação à França, o que tenho percebido, embora só esteja acompanhando a situação por aqui mais de perto há cerca de um mês, é uma maior interação e responsabilidade por parte das autoridades do país bem como dos países vizinhos, unindo-se em prol de minimizar os problemas causados pela pandemia com ações efetivas, que nem sempre agradam a todos, mas que apresentam resultados práticos e relativamente mais rápidos, como o controle das fronteiras (no momento em que escrevo, inclusive, os vãos oriundos do Brasil estão proibidos já por volta de quinze dias), o fechamentos de centros comerciais (shopping centers), restaurantes e cafés, espaços culturais (cinemas, museus, casas de espetáculo, entre outros), e o “couvre-feu”, ou toque de recolher, que obriga a população a retornar para as suas residências até às 18h, a não ser que tenham justificativa efetiva para ultrapassar este horário, como certas categorias de trabalhadores, profissionais da saúde em geral, ou outros casos específicos. Aqueles que forem pegos a descumprir esta regra, bem como as demais ações impostas pela crise da COVID, como o uso obrigatório de máscaras, é punido com multa em valor que se aproxima dos mil reais - quantia significativa mesmo para quem recebe em euros. Não que não seja frequente encontrar pessoas pelas ruas reclamando destas medidas ou tentando de algum modo burlá-las. Há alguns dias, a imprensa noticiava o caso de franceses que viajavam por dois ou três dias até a vizinha Espanha, onde podiam aproveitar os bares, restaurantes e outros espaços de lazer que permaneciam abertos, e depois retornavam à França, alguns possivelmente contaminados com o vírus, espalhando para outras pessoas. No metrô, nas lojas e nas ruas, presenciei policiais e pessoas chamando a atenção de outras por estarem com a máscara mal colocada. Mas, no geral, percebe-se uma maior conscientização de todos no cuidado para evitar a propagação do problema.

HR- Recentemente, a imprensa nacional que veicula conteúdo sobre a França, noticiou que políticos franceses estão furando a fila para tomar a vacina e ficarem imunizados. Isso procede? Alguma semelhança com a situação brasileira?

Como no Brasil e em outras partes do mundo, o programa de vacinação na França obedece a critérios de prioridade, como a idade, doenças consideradas crônicas e funcionários de setores considerados de risco e prioritários, como médicos e enfermeiros que atuam no

combate à pandemia. A informação a que se refere é que, por aqui, políticos, autoridades, personalidades, milionários e outros furaram a fila e foram vacinados antes do momento correto a que cada um deles teria direito. O mesmo, sabemos bem, tem acontecido no Brasil, como a imprensa tem noticiado, como políticos e seus familiares vacinados no lugar dos grupos prioritários. Por todo o lado, em países variados, exemplos deste tipo se repetem, demonstrando uma falta de compreensão das normas de vida em sociedade... Em resposta, as autoridades francesas deploraram estes ocorridos e informaram que não serão tolerados privilégios e desrespeito ao calendário de vacinação.

HR – Como a sociedade se comporta diante das restrições que decorrem da execução dos Protocolos e Planos de segurança no combate à COVID-19?

A sociedade francesa é bastante complexa, e é possível ver reações as mais variadas, seja de apoio seja de crítica aos protocolos e planos de segurança. Por aqui é também possível encontrar pessoas que acreditam, por exemplo, que o confinamento ou o uso de máscaras não têm efeitos práticos no combate à pandemia, ou que acreditam que a vacina pode trazer malefícios aos que forem imunizados por ela, como problemas de saúde ou até o risco de morte. Mas, em geral, percebe-se, seja nas ruas, seja nos transportes públicos, uma salutar vigilância das próprias pessoas sobre o próximo para que respeitem minimamente os protocolos. Boa parte da população parece compreender que o momento é grave e exige responsabilidades de todos e atitudes mais duras visando o bem-estar geral.

HR – Que políticas sociais estão sendo executadas na França, para socorrer os menos favorecidos nesse contexto pandêmico?

A França tem tomado medidas várias visando minimizar as perdas e os problemas causados pela pandemia. Em alguns setores, foi proibido a demissão dos funcionários. Muitas empresas e lojas fecharam, e o governo tem auxiliado financeiramente trabalhadores que perderam seu principal meio de sustento. Há programas de distribuição de alimentos, políticas de acolhimento aos moradores de rua, distribuição de máscaras e de material antibactericida aos que não os podem comprar, forte campanha de conscientização por todos os meios de comunicação da necessidade de evitar exposição desnecessária. Enfim, uma série de medidas que, somadas, ajudam a diminuir os riscos e o sofrimento dos mais necessitados.

HR – Como esse movimento anticiência e antivacina tem se manifestado na França.

Embora exista uma certa desconfiança por parte de algumas pessoas sobre a eficácia ou, mais ainda, os presumíveis efeitos colaterais das vacinas, lembremos que a França é um dos países mais tradicionais e respeitados nos mais variados campos da ciência, com instituições reconhecidas mundialmente, como é o caso da própria Sorbonne, e pesquisadores célebres e renomados. O mesmo se pode dizer, consequência direta do que acabei de afirmar, com relação à pesquisa e desenvolvimento de vacinas para diversos tipos de doenças (vide, para ficar num único exemplo, o valorosíssimo trabalho desenvolvido desde o século XIX pelo Institut Pasteur). O país possui vasta tradição e consciência social sobre a importância da

vacinação e imunização de seus cidadãos. Assim, a população, em grande medida, é favorável à vacinação e aguarda com ansiedade sua vez para ser imunizada. Não percebo por aqui este olhar cego, irracional, limitado, medíocre e politizado que vemos no Brasil de desvalorização a todo custo da ciência e dos cientistas, reflexo direto do próprio momento político que vivemos... Serão eles, estes cientistas, ao fim, sabemos bem, que nos conduzirão à solução deste problema de alcance mundial. E nós, cientistas das Humanidades, por sua vez, os responsáveis por curar esta cegueira social em que estamos tristemente afundados.

HR – Como as autoridades Públicas estão orientando o funcionamento das escolas no País?

As escolas francesas continuam a funcionar. Em situações específicas, como o aparecimento de casos em determinados espaços escolares, podem ser tomadas medidas de fechamento total, parcial ou de limitação do número de estudantes. As escolas têm tomado medidas de segurança para cumprir protocolos que garantam, de algum modo, a possibilidade de seu funcionamento. Obviamente, esta é uma medida polêmica, que envolve críticos e apoiadores. Embora a França não viva a mesma intensidade de casos epidêmicos observado em países vizinhos, como Portugal, Espanha, Alemanha e Reino Unido, há uma grande preocupação, por exemplo, com relação às novas variantes do vírus, de maior capacidade de contágio. De todo modo, estas medidas podem ser diferenciadas e se ajustarem de acordo com a situação vivida nas diferentes regiões do país. Há, ainda, uma promessa de que os professores franceses sejam vacinados o mais rápido possível, provavelmente até março, pelas informações do Ministério da Educação. Nas universidades, por sua vez, que tenho acompanhado mais de perto, as aulas estão sendo realizadas, de forma geral, em ambiente virtual, embora exista uma preocupação em promover as aulas presenciais principalmente para os alunos dos anos iniciais. Uma das causas para tal é o aumento de casos de depressão e demais problemas psicológicos em alunos e professores por conta do confinamento duradouro. Ao mesmo tempo, são muitas as atitudes tomadas por alunos, professores e profissionais da educação visando auxiliar estudantes em situação difícil, como arrecadação de alimentos, criação de grupos virtuais de convívio e discussão, auxílio no pagamento de contas, enfim, uma rede de solidariedade que tenta diminuir, dentro do possível, os dramas particulares do cotidiano. Oxalá, em breve tempo, estaremos acompanhando historiadores a estudar estas micro-histórias da pandemia...

HR- Como a Comunidade de História francesa tem se posicionado diante da Pandemia e da crise Higienicossanitária causada pela Covid-19?

A Comunidade de historiadores têm feito a sua parte. Muitos historiadores têm refletido sobre a pandemia atual, traçando comparações com outros momentos pandêmicos vividos pela humanidade, comparando a situação da França com outras regiões do mundo, analisando o impacto diferenciado da Covid nos diversos e multifacetados grupos que compõem a sociedade francesa, discutindo como as formas de superação do problema no passado podem auxiliar no tratamento do problema da Covid. Textos e entrevistas na imprensa, artigos e livros acadêmicos, eventos específicos sobre o assunto... A reflexão histórica mostra-se fundamental para o entendimento do quadro e para a conscientização de que não há solução milagrosa, e sim, um esforço coletivo e incansável, uma vigilância feita por todos para vencer o problema. Todo vírus, toda a ignorância social e política devem ser vencidos desta forma.